

ALFAIATARIA: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, PUBLICAÇÕES E METODOLOGIAS DE ENSINO

Tailoring: Historical Evolution, Publications and Teaching Methodologies

Juliana Barbosa <julianawinck@eba.ufmg.br>,
Eloisa Helena Santos <eloisasantos@uaivip.com.br>

Resumo: O presente artigo faz parte do resultado de uma dissertação de mestrado que tratou do desenvolvimento histórico da alfaiataria. Ele se constitui dos primeiros registros impressos da alfaiataria, da hierarquia nas oficinas e das relações de trabalho, do processo de ensino e aprendizagem na alfaiataria e dos desafios da alfaiataria artesanal no século XXI.

Palavras-chave: Alfaiataria artesanal. Saberes tradicionais do alfaiate Processo de ensino-aprendizagem na alfaiataria.

Abstract: This article is part of the result of a master's dissertation that dealt with the historical development of tailoring. It is the first printed records of tailoring, the hierarchy in the ateliers and working relationships, teaching and learning process in tailoring and the challenges of handmade tailoring in the 21st Century.

Keywords: Handmade Tailoring. Tailor's Traditional Knowledge. Teaching-Learning Processes in Tailoring.

1. Introdução

A alfaiataria é um ofício secular, particularmente dotado de técnicas e saberes perpetuados pelos alfaiates de maneira singular na hierarquia de suas organizações, na particularidade da metodologia de ensino empregada e por meio de suas práticas.

O objetivo deste artigo é a descrição do desenvolvimento da alfaiataria desde a primeira publicação datada no ano de 1589, bem como analisar a hierarquia dentro das oficinas desde as guildas e o sistema de ensino na relação mestre aprendiz, relação essa responsável por manter o ofício por meio de

inúmeras gerações, seja na condição de pai para filho ou por meio de acordos estabelecidos entre as famílias dos aprendizes e mestres.

Tal pesquisa se faz necessária para compreendermos as fortes mudanças pelas quais atravessa a alfaiataria artesanal, e a necessidade de repensarmos novas estratégias e possibilidades de continuidade do ofício por meio de novas metodologias de ensino ou publicações capazes de abarcar o conhecimento destes profissionais, elevando ao nível de conhecimento formal um conhecimento tácito e empírico descrito e ensinado por meio da demonstração e da observação apenas.

Portanto, este estudo objetiva conhecer o material disponível acerca do tema, a evolução da alfaiataria no contexto sócio econômico no que se refere às suas organizações bem como compreender os processos de ensino aprendizagem através do tempo, no ensejo de criar condições para que ela se mantenha respeitando as técnicas artesanais e os saberes tradicionais dos alfaiates.

Uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo compuseram a metodologia qualitativa adotada.

2. Os primeiros registros impressos da Alfaiataria

No ano de 1589 surgiu a primeira referência bibliográfica sobre o tema publicada pelo alfaiate espanhol Juan de Alcega, o primeiro livro de traçados em modelagem masculina na história intitulado o “Libro de Geometri practica y Traça” (JUNIOR, 1937).

Esse livro está disponível na Biblioteca Digital Mundial¹, e traz um apanhado de 135 traçados distribuídos em 190 páginas. Em seu livro, Juan de Alcega sugere indicações de encaixe, número de partes a cortar, além de códigos que indicam valores a serem executados.

¹ Fonte: www.wdl.org

A 'vara de medir' descrita no livro de Alcega, diz respeito a um valor de medida usado em Castela² e utilizando frações, classifica-os de modo que qualquer alfaiate poderia 'pedir corretamente o traje, a seda ou outro tecido necessário para confeccionar roupas masculinas e femininas sem qualquer desperdício ou falta de pano'³.

Seguindo o modelo de Alcega, Waugh (1985) relata que no ano de 1618 em Madri, foi publicado o segundo livro de alfaiataria intitulado Geometria Y Traça, do também espanhol Francisco de La Rocha de Burguen. Ambas publicações tinham como objetivo principal mostrar como colocar as modelagens da forma mais vantajosa no tecido de acordo com a sua largura, além apresentar uma constante preocupação com os desejos do cliente,

O alfaiate que deseja cortar bem suas roupas, seja para um homem ou para uma mulher, deve tomar medidas cuidadosas de seus clientes. Ele também é avisado dos caprichos dos referidos clientes, que muitas vezes quando um vestuário está sendo cortado pede para ele ser feito dois ou três centímetros mais curto e mais estreito, e quando a peça de vestuário está feita, quer mais comprida e larga, o que significa que muitas peças de vestuário são desperdiçadas, e o alfaiate deve permitir isso (WAUGH, 1985, p.35).

Apesar das muitas recomendações acerca do corte e do aproveitamento do tecido, as publicações não traziam variações de estilo nem instruções técnicas e a montagem das peças não era mencionada (WAUGH, 1985).

A primeira publicação francesa surgiu no ano de 1671 intitulada Le Tailleur Sincère, de Le Sieur Benist Boullay. Como as anteriores espanholas, orientava como cortar todas as peças de ternos masculinos e a quantidade de material que cada um exigia, sem ainda fazer nenhuma menção à montagem das peças (WAUGH, 1985).

De acordo com Waugh, o primeiro tratado "realmente sério" sobre a arte da alfaiataria, L'Art du Tailleur, foi escrito por François Alexandre de Garsault e publicado pela Académie Royale des Sciences de Paris, em 1769 (ver figura 01).

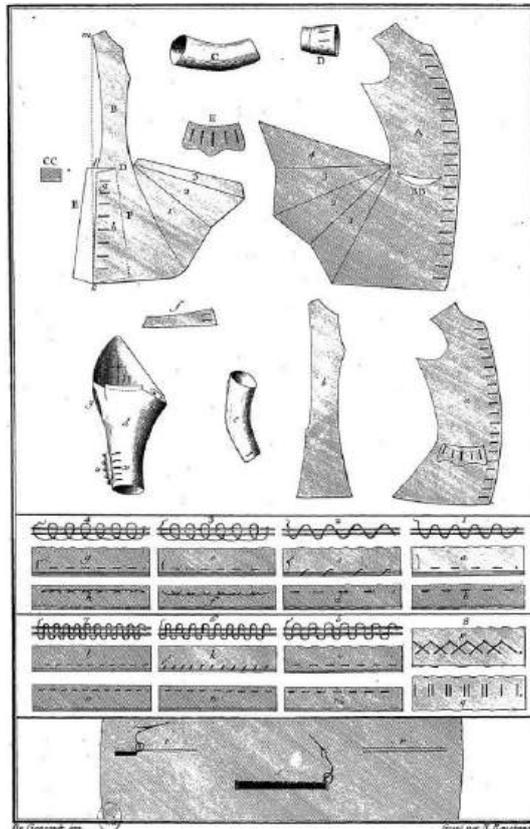
Ele descrevia os traços de um casaco desde a tomada de medidas até a apresentação detalhada de como realizar os pontos utilizados na confecção e no acabamento, o método de prensagem, os instrumentos necessários, etc. Ainda

² Reino de Castela, região histórica da Espanha.

³ Biblioteca Digital Mundial.

não há algum tipo de orientação com relação à montagem, mesmo que, segundo a autora, Garsault dê instruções sobre a confecção de corsets que até então era de domínio dos alfaiates (WAUGH, 1985).

FIGURA 1: DIAGRAMA DA MODELAGEM DE UM DOUBLET E SEQUÊNCIA DE PONTOS



Fonte: Art du Tailleur. François Alexandre Garsault, 1769

As publicações do período eram reflexo do momento em que os alfaiates viviam. Eles gozavam de uma sólida reputação, pois eram os responsáveis por confeccionar os trajes tanto femininos quanto masculinos (ROCHE, 2007).

Nesse contexto, os alfaiates exerciam forte representação social e política, e se organizavam por meio das guildas⁴ (PIRENNE, 1973), as quais representavam e garantiam a proteção econômica necessária à classe, por meio de normas rígidas acerca do exercício do ofício. Desde a formação inicial, as guildas foram as responsáveis por estabelecer um padrão de hierarquia definida, constituída de mestres, oficiais⁵ e aprendizes. Pirenne descreve o modelo de

⁴ As guildas também eram conhecidas como corporações de ofício.

⁵ Oficiais, companheiros ou jornaleiros são os nomes atribuídos por diferentes autores aos alfaiates especialistas em determinada peça tais como: calceiro, camiseiro, coleiteiro, buteiro (consertos), proveiro (frente do paletó) e acabador (manga e gola do paletó).

organização da idade média que ainda se mantém em muitos aspectos definindo as relações de trabalho das oficinas.

Os membros de toda corporação dividem-se em categorias subordinadas umas às outras: os mestres, os aprendizes e os companheiros (oficiais ou jornaleiros). Os mestres formam a classe dominante de quem dependem as outras duas. São pequenos chefes de oficinas, proprietários da matéria-prima e das ferramentas. Pertencem-lhes os produtos fabricados e portanto, todos os lucros da venda ficam em suas mãos. Ao seu lado, os aprendizes iniciam-se no ofício sob a sua direção, uma vez que ninguém pode ser admitido no exercício da profissão sem garantia de capacidade. Os companheiros, enfim, são trabalhadores assalariados que terminaram o aprendizado, porém não puderam ainda elevar-se à categoria de mestre (PIRENNE, 1973, p.192).

Ainda de acordo com Hollander, ‘as guildas de alfaiates tinham tanta importância quanto as outras instituições artesanais e profissionais e, como elas, eram totalmente masculinas’ (HOLLANDER, 2003 p. 89). Contudo, existiam costureiras profissionais que eram empregadas pelos alfaiates, e a elas cabiam tarefas de costura, ornamentação e acabamentos da roupa. ‘As mulheres nunca eram alfaiates, ou treinadas para criar estilo, corte e acabamento..., mas eram reconhecidamente especialistas no trabalho de costura fina’ (HOLLANDER, 2003, p. 89).

Somente em 1675 as mulheres conquistaram o direito de trabalhar de maneira autônoma. Nesse ano, o governo real parisiense concedeu-lhes o direito de formar sua própria guilda garantindo-lhes o *status quo* perante a sociedade. A confecção das roupas por pessoas do mesmo sexo garantia a decência e a modéstia das mulheres e moças (ROCHE, 2007).

3. O processo de aprendizagem na alfaiataria

O sistema de aprendizado dos alfaiates, que permaneceu desde as guildas até meados do século XX, empregava uma média de tempo de três a seis anos com funções que variavam dependendo do tamanho da loja (MACLOCHLAINN, 2011). Havia uma sequência de aprendizado em que o aprendiz era qualificado e progredia dentro da oficina.

Na maioria dos casos, o primeiro ano era gasto em levar recados, arrumar, buscar ferros e outras tarefas domésticas, com estudo real apenas quando havia um momento livre. Pelo segundo ano aprendizes estão ajudando com a costura real, costura de bolsos, casas de botão e forros de calças. No terceiro ano, eles devem ser capazes de fazer a maioria do trabalho em um casaco e fazer calças e coletes. Pelo quarto ano eles têm que demonstrar que podem fazer toda a roupa na prática para o mestre antes de continuar como um operário ou sair como um trabalhador qualificado (MACLOCHLAINN, 2011, p.34).

A metodologia de ensino empregada pelos alfaiates desde as guildas, e evidenciada no século XVIII, comprova o longo período de tempo necessário para a formação de um alfaiate e conseqüentemente as habilidades desenvolvidas para a confecção completa de uma vestimenta.

Nas alfaiatarias, os saberes eram transmitidos através do exercício constante, na prática do dia a dia, de acordo com Sennet 'através dos milhares de gestos quotidianos que acabam configurando uma prática' (2009, p.92).

Segundo Maclochlainn, a idade de ingresso dos aprendizes girava em torno dos 13 anos, porém há registro de entrada de aprendizes no ofício, no século XII, entre 7 e 9 anos (2011, p.34).

Havia uma preocupação dos pais com relação à escolha do mestre em consideração a relação mestre/aprendiz, já que ambos tornavam-se tão próximos que o mestre acabava por 'adotar' seu aprendiz. O aprendiz ultrapassava os limites da técnica do fazer, pura e simplesmente, transmitindo também lições de postura e valores de ordem profissional e pessoal. Desde a formação das guildas, os mestres recebiam das famílias dos aprendizes a função de pai substituto (SENNETT, 2009).

Atualmente poucas alfaiatarias possuem estrutura financeira e de gestão para receber um jovem aprendiz no rigor da lei, em função disso a presença deles não é mais notada dentro das alfaiatarias. Esse cenário revela um vazio de ações que viabilizem a formação de novos aprendizes, seja em projetos vinculados às instituições de ensino apoiados em programas governamentais, seja em organizações da iniciativa privada. Revela ainda uma ausência de atenção com a formação de jovens alfaiates por parte das instituições de ensino em geral.

4. Os desafios da alfaiataria artesanal no século XXI

Após um declínio acentuado na confecção de roupas sob medida, consequência da inserção de roupas prontas para vestir em todos os segmentos do vestuário, a alfaiataria artesanal, que proporcionou as mudanças no vestuário masculino através de suas técnicas e contribuições na construção do vestuário masculino e também feminino, se mantém. Ela se coloca como uma alternativa à roupa industrializada, capaz de comunicar a personalidade e a identidade do homem e também da mulher que a traja.

Contudo, percebe-se que a falta de aprendizes nas oficinas pode ser um entrave na continuidade do ofício, pois, se não há aprendizes não haverá renovação deste segmento de artesãos.

A ausência de formação de mão de obra também esteve, durante alguns anos, ligada à concepção de que ensinar representaria formar um concorrente, como bem descreve Lave em sua pesquisa realizada junto aos alfaiates da Libéria na década de 70.

Nenhum dos alfaiates era próspero o suficiente para assumir dois novos aprendizes ao mesmo tempo. Os alfaiates treinavam uma média de dez aprendizes durante toda a sua carreira, com média de um aprendiz treinado para cada cinco anos de experiência. Os mestres alfaiates estavam em seu próprio negócio treinando seus futuros competidores, e na verdade eles temiam que houvesse muitos alfaiates "nesses dias" e não existisse clientes o suficiente para todos ao redor. (LAVE, 2011, p. 45).

Além da falta de aprendizes, o avanço da produção do *prêt-à-porter* forçou os alfaiates a procurar alternativas para se manterem competitivos no mercado. Houve a incorporação de inovações da indústria ao seu trabalho tornando menos dispendiosas as suas tarefas, porém comprometendo a qualidade da peça em alguns aspectos.

Há ainda o fato de que uma parcela dos alfaiates admite que não transmitirão seu conhecimento para nenhum outro levando “o segredo para o túmulo” (SENNET, 2009). O autor ainda traz à tona a dificuldade da transferência

do conhecimento apresentada pelos alfaiates ao questionar 'por que tem de ser tão difícil, porque se transforma num segredo pessoal?' (SENNETT, 2009, p.89)

Poucos são os alfaiates que compartilham seus ensinamentos (BARBOSA, 2011). Sobre os filhos das últimas gerações de alfaiates, poucos foram aqueles que tiveram interesse em aprender e assumir o estabelecimento do pai alfaiate, mesmo com o apelo de uma clientela já formada.

Já aqueles que não possuem parentesco direto com os alfaiates artesanais e demonstram interesse em aprender a alfaiataria, esbarram em dificuldades como a de encontrar um alfaiate com disponibilidade de tempo e boa vontade para ensinar, além da falta de oferta de cursos de formação de alfaiates que abarquem toda a complexidade deste ofício.

5. Considerações Finais

Pelo exposto, pode-se considerar que existe uma grande dificuldade de preservação dos saberes tradicionais do alfaiate com relação aos seus traçados e principalmente com relação às suas técnicas de confecção artesanal, o que traz implicações para a permanência desse ofício outrora tão valorizado. Os registros disponíveis desde a primeira publicação de Alcega contemplam apenas parte do processo da alfaiataria, principalmente a construção das peças na modelagem. A confecção dessas peças nos seus detalhes não é descrita mesmo em recentes publicações, justamente pela complexidade das operações.

As técnicas de corte e acabamento são a essência da alfaiataria e o que faz distinguir a roupa artesanal da roupa feita em escala industrial. De natureza complexa, torna-se evidente a necessidade de valorizar o trabalho desse artesão para se preservar os saberes desse ofício secular que ainda encontra espaço no mundo contemporâneo, em condições de atuar paralelamente à indústria do prêt-à-porter considerada alfaiataria de luxo.

A alfaiataria artesanal para se manter viva necessita de instrumentos que lhe dê condições de continuar o legado de séculos de tradição. A história da alfaiataria está intrinsecamente ligada à história da evolução da indumentária, responsável por todas as principais mudanças no vestir considerando os dois

trajes, o feminino e o masculino. A indústria do vestuário, que se apropriou das técnicas e acabamentos desenvolvidos pelos alfaiates, necessita, em contrapartida, reconhecer e apoiar ações para que a alfaiataria se perpetue e para que o ciclo que se estabeleceu permaneça, fazendo com que ambas as alfaiatarias, artesanal e prêt-à-porter continuem se desenvolvendo de maneira plena.

Referências

BARBOSA, Juliana. **Alfaiataria Masculina: Novas tendências em tecnologia de confecção**. BITIB/FAPEMIG, Belo Horizonte, 2011.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

JUNIOR, Carnicelli. **Methodo de Corte Completo**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1937.

LAVE, Jean. **Apprenticeship in Critical Ethnographic Practice**. Chicago: The University Chicago Press, 2011.

MACLOCHLAINN, Jason. **The Victorian Tailor: Techniques and patterns**. London: Batsford, 2011.

PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SENNETT, Richard; tradução de Clóvis Marques. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WAUGH, Nora. **The Cut of Men's Clothes: 1600 – 1900**. London: Faber and Faber, 1985.